



De acordo com o Ministério da Saúde, 682 mortes pela doença estão confirmadas e outras 1.082 estão sob investigação. DF segue com a maior incidência de prováveis infecções — 5725,8 a cada 100 mil habitantes

Dengue: país supera os 2 milhões de casos

» LUANA PATRIOLINO

O Brasil superou ontem os 2 milhões de casos de dengue em pouco mais de dois meses de 2024. De acordo com o painel do Ministério da Saúde, são 2.010.896 prováveis infecções da doença, além de 682 mortes registradas e 1.042 óbitos em investigação. O coeficiente de casos de dengue no país está em 990,3 a cada 100 mil habitantes. O Distrito Federal apresenta a maior incidência de prováveis infecções — 5725,8 a cada 100 mil habitantes. Somente em 2024, o total de notificações na capital federal é de 161.299, segundo o Ministério da Saúde.

A ministra da Saúde, Nísia Trindade, afirmou que a concomitância entre os casos de dengue e de gripe poderá pressionar o sistema de saúde. Conforme ressaltou, o aumento precoce de registros de vírus respiratórios está ligado a fatores climáticos. “A dengue é o mais grave problema de saúde pública que temos hoje, mas não é o único. E nós não queremos descuidar das outras doenças”, alertou a ministra. No mesmo período de 2023, o Brasil tinha 400.197 casos de dengue e o total de notificações no ano passado foi de 1.658.816. O recorde anterior de registros era de 2015, quando houve 1.688.688 notificações ao longo daquele ano.

A pesquisadora Joziana Barçante, coordenadora do Núcleo de Pesquisa Biomédica da Universidade Federal de Lavras (MG), afirma que as mudanças climáticas são as grandes causadoras da epidemia de dengue. No entanto, ela lembra que a população tem responsabilidade no combate ao *Aedes aegypti* — vetor da dengue — e destaca a falta de saneamento básico como outro fator para a proliferação do mosquito transmissor. “Temos uma enorme produção de material plástico e metálico. Mesmo uma tampinha de refrigerante com água é um possível criadouro. Tudo isso, associado às condições de infraestrutura



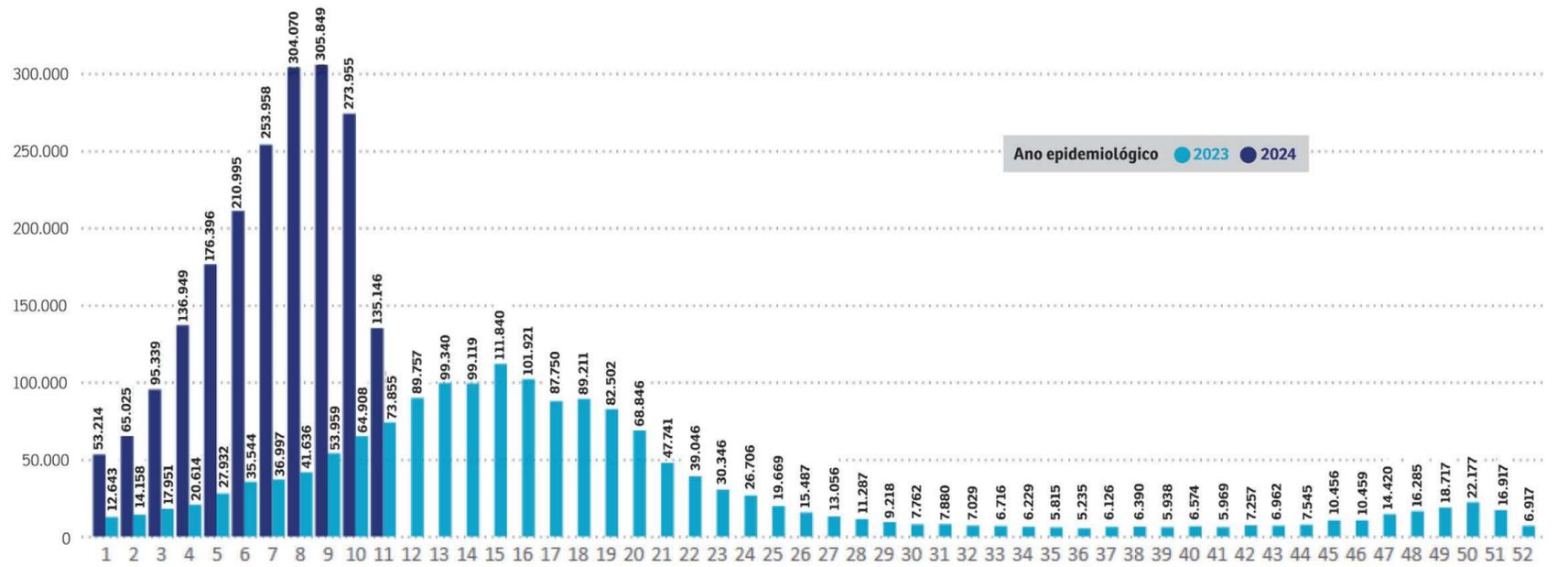
Corremos o risco de sobrecarga no sistema de saúde e, eventualmente, uma exaustão. É preciso um esforço no sentido de eliminar os criadouros dos mosquitos”

Paulo Petry, mestre e doutor em epidemiologia

Paulo Petry, mestre e doutor em epidemiologia, afirma que o país vive uma emergência em saúde pública. “Corremos o risco de sobrecarga no sistema de saúde e, eventualmente, uma exaustão do sistema. Embora a dengue mate menos do que a covid-19, por exemplo, traz uma história de internações e sintomas mais intensos. O governo está tentando redistribuir as vacinas de dengue que ainda não foram aplicadas. É

preciso que haja um esforço conjunto, tanto dos gestores quanto da população, no sentido de eliminar os criadouros dos mosquitos”, advertiu. Na quarta-feira, o ministério anunciou que os estoques da vacina Qdenga parados nos municípios considerados prioritários serão remanejados para outras cidades. Essas doses estão próximas do prazo de validade (encerra-se em abril) da primeira leva e serão redistribuídas para que não se percam. Segundo o Ministério da Saúde, as mulheres são a maioria das vítimas da dengue, com 55,5%. Em relação à idade, a maior quantidade de pacientes está na faixa etária entre 20 e 29 anos.

Casos de dengue por ano e por semana epidemiológica 2023-2024



SOCIEDADE

Litoral concentra população

» VITÓRIA TORRES*

A maioria dos brasileiros continua morando no litoral, em uma estreita faixa de apenas 150km de largura. Isso representa que 54,8% da população brasileira — aproximadamente 111 milhões de pessoas — vive próximo ao mar. A constatação é do Censo 2022 Agregado por Setores Censitários Preliminares — População e Domicílios, divulgado

ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Setor censitário é uma unidade territorial de coleta e divulgação de dados estatísticos do IBGE. É uma unidade menor que estado, município, distrito e subdistrito, oferecendo dados territoriais mais detalhados em níveis regionais. Para se ter uma ideia, enquanto o país tem 26 estados e 5.570 municípios, o instituto delimita 452.338 setores

censitários. Nas palavras dos pesquisadores, é como “colocar uma lupa” em cima dos municípios. Na divulgação de ontem, foram apresentados os dados de população e domicílios pelo recorte do setor censitário. “Esses dados são muito usados pelo poder público, pesquisadores, universidades. É uma oportunidade que se tem de se chegar a dados em nível local, em um recorte muito mais

detalhado, explicou o pesquisador Raphael Moraes. Em algumas regiões, a concentração de pessoas no litoral é ainda mais acentuada — como em Santa Catarina, onde 75,4% da população vive próxima ao mar. De acordo com o levantamento do IBGE, cerca de 4,6% dos brasileiros moram a até 150km das fronteiras do país com outros países, enquanto os 41% restantes da população estão distribuídos na região intermediária entre a faixa litorânea e a que tangencia as nações vizinhas.

O Censo Agregado também lança luz sobre a realidade das áreas urbanas. A região central de São Paulo, por exemplo, destaca-se por apresentar a maior proporção de domicílios desocupados da capital paulista. São 58,7 mil residências particulares sem uso — o equivalente a 20,7% do total da metrópole. Esse fenômeno contrasta com a situação na zona leste da cidade, que tem o maior número de domicílios e o menor percentual de unidades vazias. O levantamento traz um recorte das favelas brasileiras. A

Rocinha, na zona sul do Rio de Janeiro, continua sendo a segunda maior favela do Brasil, perdendo apenas para o Sol Nascente, no Distrito Federal. Além disso, três favelas cariocas se destacam entre os lugares com maior densidade populacional no país. Liderando a lista, está a Rocinha, com 48,3 mil pessoas por quilômetro quadrado. Em seguida, vem o Jacarezinho, com 36 mil habitantes por quilômetro quadrado, e o Complexo da Maré, com 29 mil habitantes por quilômetro quadrado.

Ed Alves/CB/D.A Press



A região administrativa do DF reúne pouco mais de 14 mil pessoas por km², segundo o Censo Agregado

Águas Claras lidera densidade

A Região Administrativa de Águas Claras, com pouco mais de 14 mil pessoas por km², apresenta a maior densidade populacional do Distrito Federal, de acordo com o Censo 2022 Agregado por Setores Censitários Preliminares — População e Domicílios. Em uma área calculada em cerca de 9,1 km², residem em torno 128,4 mil pessoas. A alta densidade populacional pode ser atribuída, em grande parte, à predominância de prédios altos, que possibilitam acomodar um grande número de moradores em uma área relativamente compacta.

No Distrito Federal, que abriga mais de 1,1 milhão de domicílios particulares, os dados revelam que cerca de 15,58% dessas moradias encontram-se desocupadas — o que corresponde a 182.657 casas sem moradores. A maioria desses domicílios vazios estão concentrados em Ceilândia, uma das regiões mais populosas do DF, com aproximadamente 19,2 mil imóveis particulares sem moradores. No que se refere ao esgotamento sanitário, 49,03 milhões de brasileiros ainda não conseguem descartar os rejeitos de maneira adequada. Desse total, 39 milhões despejam seus dejetos em

fossas rudimentares ou buracos, e mais de 4 milhões têm rios, lagos ou o mar como destino do esgoto. O restante vai para valas ou outros tipos de locais de descarte não especificados. Além disso, 1,18 milhão de brasileiros não têm banheiro nem sanitário. Em 3.505 municípios, menos da metade da população mora em domicílios com coleta de esgoto. Na Região Norte, menos de 1/4 da população faz a destinação correta do esgoto. (VT e Agência Estado)

*Estagiária sob a supervisão de Fabio Grecchi